

DO AUTOR QUE TEM REVOLUCIONADO O DIÁLOGO ENTRE FÉ E CIÊNCIA

MAIS DE 100 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

AS PROVAS DE QUE
JESUS É
DEUS

JOSÉ CARLOS
GONZÁLEZ-HURTADO

nascente

Este livro é dedicado:

A Nosso Senhor Jesus Cristo, sem o qual nada — nem este livro, nem o leitor nem eu — seria possível.

À Doris, CPOC, o meu Caminho Para O Céu.

Aos meus filhos, Clara, Diego e Isabel, que tiveram de suportar as minhas ausências enquanto escrevia estas páginas.

Às minhas outras filhas, Cristina, Teresa, Sofia e Paula, que nunca esqueço.

E à Sofia e ao Alex, meus mais que amigos, pela ajuda inestimável.

E a todos os benfeitores da EWTN Espanha que ajudam a difundir «a alegria e o orgulho de ser católico».

Que Deus vos abençoe a todos.

ÍNDICE

1. Introdução.....	9
--------------------	---

SECÇÃO I. OBJEÇÕES

PRIMEIRA PARTE. MITO

2. Jesus não existiu?	19
3. Doze fontes principais que confirmam a sua historicidade	24
4. Doze fontes adicionais.....	45

SEGUNDA PARTE. MANIPULAÇÃO

5. Jesus não disse o que achamos que disse?	73
6. Os Evangelhos são fiáveis	77
7. O cânone da Bíblia.....	107
8. Os Evangelhos não são contraditórios.....	115

TERCEIRA PARTE. MENTIROSO

9. Jesus não acreditava no que dizia?	133
---	-----

QUARTA PARTE. MANÍACO

10. Jesus não sabia o que estava a dizer?	145
11. A psicologia de Jesus Cristo.....	154
12. A psicologia do ateísmo.....	163

QUINTA PARTE. MESSIAS E DEUS

13. Jesus Cristo acreditava ser Deus (primeira parte)	177
14. Filho do homem, filho de Deus, filho de David.....	184

15. Jesus Cristo acreditava ser Deus (segunda parte)	192
16. Duas digressões: a Trindade e a dupla natureza	197

SECÇÃO II. CONFIRMAÇÕES

SEXTA PARTE. PROVAS HISTÓRICAS

17. Primeiros cristãos.....	211
18. Milagres.....	229
19. A ressurreição como tema central.....	243
20. A ressurreição: ressuscitou mesmo!.....	257

SÉTIMA PARTE. PROFECIAS

21. Isaías.....	275
22. E chegou o tempo	282
23. Nascimento e linhagem.....	290
24. Demasiadas coincidências	299
25. A sua paixão e morte	303
26. Quais são as probabilidades?.....	310
27. E por que motivo os judeus não se convertem ao cristianismo?	313

OITAVA PARTE. PROVAS CIENTÍFICAS

28. Arqueologia	321
29. «Este é o meu corpo».....	347
30. Tecidos e panos.....	368

SECÇÃO III. QUESTÕES PENDENTES

31. Ter fé.....	391
32. E agora?	396
Epílogo. Advertências finais e 33	399

À luz das provas científicas, a única posição racional é acreditar que existe um Deus Criador e, tendo em conta as provas históricas, arqueológicas e científicas, o mais plausível é acreditar que Jesus Cristo é Deus.

1

Introdução

O teu dever e o dever que confiro a todas as almas é o de ir longe, espalhando sabedoria e caridade por toda a parte. Mas deves estar sempre plenamente consciente da tua origem divina; deves sentir-te sempre filho do teu Pai nos céus, Uno e Único.

EUGENIO ZOLLI¹

Quanto a mim, considero bem-aventurados aqueles a quem, pelo favor dos deuses, foi concedido fazer o que merece ser escrito ou escrever o que merece ser lido.

PLÍNIO, *o Jovem*²

Permita-me falar sem rodeios. Existem apenas duas alternativas: ou Jesus Cristo é Deus ou não é. Se for e o leitor não o reconhecer enquanto tal, será um erro grave, talvez o maior que se poderia cometer, mas, se não o for e assim o considerar, também não será uma falha despicienda. Não optar pode ser uma opção temporária, mas, se perpetuada, torna-se o pior dos erros.

¹ *Antes del alba*, Madrid, Palabra, 2006, p. 154. Israel Zolli, judeu italiano, falecido em 1956, tornou-se um importante rabino de Trieste e rabino-superior em Roma durante a Segunda Guerra Mundial. Converteu-se ao catolicismo em fevereiro de 1945 e adotou o nome de Eugénio Maria, o mesmo do papa Pio XII, que tanto fez pelos judeus durante a ocupação nazi. Previu que morreria na primeira sexta-feira de março às três da tarde (supostamente o dia e a hora em que Jesus morreu). E assim foi. Esta morte coincidiu com o dia do 80.º aniversário de Pio XII.

² Carta de Plínio, *o Jovem*, a Tácito, referindo-se ao seu tio Plínio, *o Velho*.

O que pretendo com este livro é ajudá-lo a decidir. Vou apresentar-lhe as inúmeras provas que levarão qualquer pessoa não sectária a considerar Jesus Cristo como aquilo que Ele disse ser: Deus. O leitor dirá, e com alguma razão, que para aceitar Jesus Cristo como Deus é preciso ter aquilo a que se chama «fé» e que isso não depende completamente de cada um. Adianto-lhe já que a fé não serve de desculpa para não pensar (se o que pretende é não pensar, não ter fé será uma desculpa muito melhor), pois «primeiro é preciso pensar e depois acreditar», e acreditar não é senão «pensar com assentimento».³ Assim sendo, um dos objetivos deste livro é ajudá-lo a pensar sobre a divindade de Jesus Cristo, enquanto procuramos alcançar o seu assentimento.

Este não é um livro sobre religião ou teologia. É um livro de divulgação científica e histórica, e, como tal, irei primeiro analisar e refutar todas as objeções contra a divindade de Jesus Cristo (secção I), para depois estudar e discutir as provas que apontam para essa divindade, a partir da ciência, da história e das próprias Escrituras (secção II). E como desde *A Guerra da Gália*⁴ qualquer autor que se preze divide a sua conquista em três examinarei algumas questões pendentes (secção III).

Às vezes, parece que a descrença tem vida própria. Confrontada com as provas de que está errada, procura qualquer recanto para continuar a existir. É aquilo a que chamo «ceticismo das fendas», que muitas vezes se baseia no desejo do cético de continuar a ser cético. À medida que o conhecimento avança, as fissuras vão sendo preenchidas com dados e provas, e é aí que o incrédulo, em vez de repensar os dogmas do ceticismo, procura outra frincha pela qual essa descrença possa escapar. Portanto, vamos tentar preencher muitas dessas fissuras. A partir daí, o próximo passo dependerá de si.

³ Santo Agostinho, *A Predestinação dos Santos* II, 5.

⁴ Os *Commentarii de bello Gallico* de Júlio César começam com a frase citada: «Gallia est omnes divisa in partes tres». [Todas as traduções do inglês, francês, alemão, italiano, latim e grego são do autor. (Adaptadas para português. [N. T.])]

Coisas da Providência. Retirei-me em Pompeia para organizar as ideias e as palavras deste livro e aproveitei para visitar as ruínas da cidade romana e da vizinha Herculano. As cidades continuam como sempre: restaurantes de comida rápida a exibirem os seus balcões para a rua, tabernas, padarias, e os cartazes que anunciam esses estabelecimentos ainda a poderem ser lidos das calçadas; casas completas de vários andares com o seu mobiliário e os frescos perfeitamente conservados nas paredes; estátuas de homens proeminentes com as suas inscrições legíveis no fórum e locais públicos; ruas pavimentadas com passeadeiras elevadas que quase permitem ouvir os veículos que um dia circularam por elas... E de repente, na madrugada de 24 de agosto do ano de 79, Herculano foi inundada por uma torrente de lama ardente que deixou a cidade sepultada a vinte metros de profundidade. Os habitantes e toda a cidade de Pompeia ficaram soterrados sob sete metros de cinzas, pedra-pomes e detritos vulcânicos que choveram do céu. Aqueles que tentaram fugir morreram queimados ou sufocados pelos gases. Nos armazéns do que foi o porto de Herculano, foram descobertos trezentos esqueletos de pessoas que procuraram refúgio perto da praia. Um barco de quase dez metros de comprimento, equipado para um timoneiro e três pares de remadores, foi encontrado a poucos metros. O barco estava sem préstimo, destituído de quilha e adornado, e perto dele encontraram o corpo de um militar que trazia uma bainha com uma espada e uma adaga. Todos os ingredientes para que a imaginação possa construir uma história sugestiva.

Uma das vítimas foi Plínio, *o Velho*,⁵ que morreu asfixiado pelos vapores do Vesúvio quando se aproximou de barco para observar a catástrofe a partir de Miseno, onde residia. Um aviso aos navegantes — poderia alguém dizer —, ou um lembrete de que a prudência é uma virtude. Plínio, *o Velho*, dedicou a sua obra-prima, *História*

⁵ Caio Plínio Cecílio Segundo, escritor, naturalista, militar e filósofo romano nascido por volta do ano de 23 e falecido em agosto de 79, foi procurador na Hispânia e comandante da frota imperial.

Natural, ao imperador Tito, que havia sido cônsul seis vezes; como o seu sexto consulado foi no ano de 77, podemos supor que terá sido esse o ano da sua dedicatória. Curiosamente, foi Tito quem cercou e capturou Jerusalém; destruiu a cidade e o Segundo Templo no ano 70, tal como fora predito pelo profeta Daniel e, muito depois deste, por Jesus de Nazaré. Para comemorar essa campanha contra os judeus, foi erguido em Roma o Arco de Tito, que recorda a pilhagem de Jerusalém pelas tropas romanas.⁶ Um saque que serviu para construir o Coliseu e transformá-lo numa joia da capital do Império, reconhecido como emblema do martírio dos cristãos durante o Império Romano e que, por isso, foi o local da primeira via-sacra nos tempos do papa Bento XIV. O Coliseu estava revestido com mármore preciosos, que foram removidos para cobrir São Pedro, no Vaticano. Uma sucessão de coincidências.

Conhecemos os detalhes da entrada triunfal de Tito em Roma graças ao historiador judeu romano Flávio Josefo, e os da destruição de Pompeia graças ao relato de Plínio, *o Jovem*.⁷ Ambos os historiadores do século I fornecem-nos dados fiáveis sobre esses eventos importantes da época e também servirão como fontes fidedignas do que muitos consideram o evento mais importante de todos os tempos: a vida, a morte e — muito provavelmente — a ressurreição «daquele a que chamaram Deus», Jesus Cristo. Coisas da Providência.

⁶ Samuele Rocca, «The Arch of Titus and Flavius Josephus. Commemorating the Jewish War in Word and Stone», 2021, <<https://www.academia.edu/49438092>>.

⁷ Flávio Josefo, *La guerra de los judíos*, livro 7, <<https://archive.org/details/flavio-josefo-la-guerra-de-los-judios/Flavio%20Josefo%20-%20La%20Guerra%20de%20Los%20Judios%20-%20Livro%20III/page/401/mode/2up>>. E Caio Plínio Cecílio Segundo, conhecido por Plínio, *o Jovem*, que foi o sobrinho de Plínio, *o Velho*.

SECÇÃO I. OBJEÇÕES

Sou cristão porque Jesus provou ser Deus encarnado quando ressuscitou, e afirmo acreditar nisso enquanto cientista. Há provas nesse sentido.

JOHN LENNOX, *Gunning for God*⁸

Há quem não a considere um tipo de demonstração elegante — disaccordo —, mas, seja como for, é extremamente eficaz: a demonstração por redução ao absurdo é frequentemente utilizada em filosofia, lógica e matemática.⁹ Quando existem várias proposições e uma delas está necessariamente correta, é possível chegar à verdadeira por exclusão das outras. Se todas as restantes se revelarem impossíveis ou incorretas, então a única alternativa que resta não pode ser falsa e, portanto, é necessariamente verdadeira.

No nosso caso, vamos estudar todas as alternativas possíveis à proposição «Jesus Cristo é Deus, tal como Ele mesmo afirmou», assim como as possíveis objeções.

C. S. Lewis propôs o que se conhece como «trilema» sobre quem era Jesus de Nazaré.¹⁰ As alternativas — dizia ele — são três: ou Jesus Cristo era um louco, um mentiroso ou o Senhor («Lunatic, liar, or Lord»).

Uma virtude desta proposição é descartar a ideia de que Jesus Cristo era um bom homem ou um bom mestre, alternativa que se tornou um

⁸ Matemático e bioético irlandês nascido em 1943, escritor e apologista cristão, professor emérito de Matemática na Universidade de Oxford e doutor pelas universidades de Oxford, Cambridge, Cardiff e Surrey.

⁹ De acordo com a *Encyclopaedia Herder*, a redução ao absurdo é um raciocínio que se baseia em demonstrar que um conjunto de afirmações formado pelas premissas e pela negação da sua conclusão leva a uma contradição. Ou seja, se o facto de supor $\neg A$ (não A) como sendo verdadeira nos leva a uma contradição, então A é necessariamente verdadeira e $\neg A$ necessariamente falsa.

¹⁰ C. S. Lewis, *Mere Christianity*, Londres, Collins, 1952, pp. 54–56. A ideia do «trilema» já fora usada por vários autores, entre eles G. K. Chesterton em *O Homem Eterno*.



refúgio fraudulento para evitar tomar partido sobre Jesus. Se dissermos que Jesus foi um bom homem, parecemos ficar num limbo confortável: se, por um lado, não afirmamos que ele era Deus — algo que tem mais consequências do que estamos dispostos a aceitar —, por outro, também não nos posicionamos contra alguém a quem reconhecemos uma influência extraordinariamente positiva na história, mesmo não querendo que a tenha na nossa vida.

Embora ainda não estejamos em condições de afirmar quem foi Jesus de Nazaré, o certo é que ele não foi apenas um bom homem. Ou foi muito mais, ou muito menos. Nas palavras de John Duncan: «Ou Cristo enganou a humanidade com uma fraude consciente, ou enganou-se a Si mesmo e estava errado, ou era divino. Não há como sair deste “trilema”. É inexorável.»¹¹

No entanto, nem Lewis nem Duncan esgotaram todas as alternativas sobre Jesus. Há mais duas: Jesus de Nazaré não existiu (e, portanto, não pôde garantir nada nem tão-pouco ser Deus) ou Jesus de Nazaré de facto existiu mas não afirmou ser Deus (e, portanto, a sua suposta divindade não passa de um mito).

Temos, assim, um novo «pentalema»¹², as cinco opções acerca de Jesus de Nazaré:

¹¹ John Duncan, falecido em 1870, foi um pastor protestante da Igreja Livre da Escócia. Missionário na Hungria entre os judeus e professor na Universidade de Edimburgo, foi ateu até à idade adulta, tornando-se teísta e, posteriormente, cristão. A citação foi registada por um dos seus alunos, William Knight, em *Colloquia Peripatetica*, 1870.

¹² Neologismo recém-criado. Peço que, se o utilizarem, mencionem também a fonte (este livro e este autor), a menos que seja para criticá-lo, caso em que podem atribuí-lo a outra pessoa.

- 
1. Jesus é um mito: Jesus não existiu.
 2. Jesus é uma manipulação: Jesus não disse o que julgamos ter dito.
 3. Jesus é um mentiroso: Jesus não acreditava no que dizia.
 4. Jesus é um maníaco: Jesus não sabia o que dizia.
 5. Jesus de Nazaré é o Messias: Jesus existiu, afirmou ser Deus, e tal afirmação é verdadeira.

Manipulação, mito, mentiroso, maníaco ou messias. Não há mais alternativas.

Se as objeções propostas pelas quatro primeiras opções do pentalema forem resolvidas, então poderemos afirmar com confiança que a quinta hipótese — Jesus Cristo é Deus — é a única alternativa razoável.

PRIMEIRA PARTE

MITO

Um mito é uma mentira que comunica uma verdade.

O cerne do cristianismo é um mito que também é um facto.

C. S. LEWIS¹³

¹³ Clive Steve Lewis foi um escritor irlandês, tendo falecido em 1963. Batizado na Igreja da Irlanda, perdeu a fé e professou o ateísmo até aos trinta e dois anos de idade, momento em que aderiu à Igreja Anglicana, na sua vertente anglo-católica.

2

Jesus não existiu?

De vez em quando, algumas pessoas têm tentado negar a existência de Jesus, mas é na verdade uma causa perdida.

EDWIN YAMAUCHI¹⁴

Por alguma razão estranha (ou não tão estranha, se pensarmos bem), as verdades históricas referentes a Jesus de Nazaré são as únicas que são constantemente questionadas (embora estejam mais corroboradas do que quaisquer outras), e as fontes sobre Ele são primeiro criticadas e divulgadas e depois estudadas e confirmadas sem lhes dar publicidade, pelo que ao grande público chegam sempre as críticas e menos vezes essas confirmações. Desta forma, aqueles que não quiseram saber muito sobre Jesus de Nazaré podem pensar que Jesus Cristo nunca existiu. Talvez haja alguma justiça no facto de quem não quis investir esforço em conhecer alguém tão essencial na história sofrer a contrapartida de ignorar o mais importante da sua própria, mas, ainda que seja justo, não deixa de ser triste.

¹⁴ Historiador nipo-americano nascido em 1937. Doutorado pela Universidade de Brandeis, com conhecimento de 22 línguas antigas e do Médio Oriente. Foi professor na Universidade de Rutgers e é professor emérito de História na Universidade de Miami. Nasceu na religião budista e converteu-se ao cristianismo na juventude. A citação foi retirada de Lee Strobel, *The Case for Christ*, Grand Rapids, Zonderban Books, 2016, p. 86. Strobel, jornalista de investigação ateu e editor da secção de justiça do *Chicago Tribune*, ao tentar provar a falsidade do cristianismo, tornou-se cristão e foi ordenado pastor protestante.

Christ Myth foi um livro escrito por Arthur Drews.¹⁵ Publicado em 1909, teve grande repercussão na sua época. A sua tese principal era a de que Jesus Cristo não existira e que não havia qualquer prova histórica da existência de Jesus. Considerava, portanto, que o cristianismo era uma religião de origem mitológica que ia buscar alguns dos seus elementos a religiões preexistentes. Drews fazia eco de ideias semelhantes propostas por outros autores: no século XIX, na Alemanha, Bruno Bauer,¹⁶ e no século XVIII, em França, Charles François Dupuis,¹⁷ todos eles ateus e fervorosos anticristãos. Drews era amigo do protonazi Ernst Haeckel¹⁸ e também estava associado aos movimentos pró-nazis ou completamente nazis *Völkische Bewegung* e *Deutsche Glaubensbewegung*.¹⁹ E as suas fontes não tinham melhores companhias: Bauer era amigo e sócio de Karl Marx e Friedrich Engels, sendo que Dupuis fora colaborador do Comité de Saúde Pública,²⁰ do Terror e de Napoleão Bonaparte. O melhor de cada casa.

¹⁵ Professor alemão de Filosofia (1865–1935), crítico do cristianismo e do judaísmo, pretendia criar «a religião do futuro» ancorada na cultura alemã. Próximo das ideias nazis, considerava que o nacionalismo alemão era outro motivo para se ser anticristão.

¹⁶ Bruno Bauer (1809–1882), filósofo e político alemão, cristofóbico e antissemita. Como professor de Teologia e ateu, argumentou repetidamente a inexistência de Jesus Cristo e defendeu que o cristianismo era uma religião criada pelo evangelista São Marcos.

¹⁷ Professor francês de Retórica, afirmou que o cristianismo não passava de uma mistura de antigas histórias mitológicas. Panteísta e anticristão, foi membro da Convenção durante a Revolução Francesa.

¹⁸ Ernst Haeckel (1834–1919), cristão evangélico, converteu-se ao ateísmo em 1910. Foi um dos divulgadores mais bem-sucedidos das ideias de Charles Darwin, das quais deduziu um racismo evolucionista que considerava a raça negra menos evoluída, como «macacos de quatro mãos». *Natürliche Schöpfungsgeschichte* [História da Criação], 1914, p. 429.

¹⁹ Movimento da Raça e Movimento da Fé Alemã, respetivamente. O primeiro, de carácter nacionalista, antissemita, anticatólico e militarista, defendia um «Estado racial» neopagão para a Alemanha. Quanto ao segundo, pretendia descristianizar a Alemanha nazi e instaurar um paganismo nórdico.

²⁰ Criado pela Convenção Nacional Francesa em 1793, era uma espécie de tribunal revolucionário dirigido por maçons.

Por vezes, aquilo que é apresentado como conclusões corresponde a preconceitos. Algumas teorias não se baseiam em factos, são indiferentes à realidade e, consequentemente, não têm qualquer fundamento concreto. São teorias geradas ao contrário: partem da conclusão desejada, e em seguida inventam-se, com maior ou menor engenho, as justificações. Creio que defender hoje em dia a inexistência histórica de Jesus Cristo se enquadra neste tipo de especulações. A figura de Jesus Cristo foi desde sempre um «sinal de contradição»,²¹ e muitas vezes é incómoda (para os não cristãos, mas também para muitos cristãos), pelo que a pretensa inexistência de Jesus Cristo proporciona uma conveniente desculpa para não considerar as suas doutrinas, os seus ensinamentos, a religião que fundou e as consequências de tudo isso para a nossa própria vida.

Uma teoria sobre Jesus Cristo baseada numa premissa que pode ser um exemplo do acima exposto foi a de Houston Stewart Chamberlain, no seu livro *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts* [As Fundações do Século xx].²² Esta obra pretendia ser uma «história racial» da humanidade com o objetivo de exaltar a raça ariana, à qual o autor atribuía tudo o que considerava existir de bom no mundo, contrapondo-lhe a raça judaica, origem de todo o mal. Segundo Chamberlain, os judeus tinham fundado a Igreja Católica (má), e os arianos — Lutero —, a cristandade germânica (boa), e, para que tudo encaixasse nas suas premissas, Chamberlain defendia que Jesus Cristo pertencia à raça ariana e que o seu pai também o era; para apoiar tal pretensão, apresentava supostas fontes históricas e argumentos inteligentes a favor. Hoje pode parecer-nos ridículo, mas esta obra foi muito apreciada entre grupos que se diziam ilustrados.

²¹ Parafraseando 1 Pedro 2, 8, «pedra de escândalo».

²² Filósofo inglês, genro de Richard Wagner, escreveu a favor do racismo científico, que defendia a superioridade das raças arianas ou nórdicas, e do darwinismo social. Conhecido como o João Batista de Hitler, este livro foi publicado pelo mesmo editor de *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, conheceu 24 edições e vendeu mais de 250 mil exemplares até 1938.

Afirmar hoje em dia que Jesus Cristo é um mito e que não existiu parece-nos tão ridículo como pensar que era da raça ariana, como propunha Chamberlain. Talvez não seja por acaso que o negacionismo sobre Jesus tenha tido origem no mesmo momento (fim do século XVIII e início do século XIX), na mesma área geográfica (Alemanha e Inglaterra) e nos mesmos ambientes protestantes.²³ Hoje, a «teoria mítica» está desacreditada, sendo muito minoritária e defendida apenas por autores virulentamente ateus e/ou furiosamente anticristãos.²⁴ Contudo, mesmo assim, ainda se ouve de vez em quando algum suposto erudito ou apresentador de televisão, ou alguém nas redes sociais ou nos comentários do YouTube, apressar-se a negar a existência histórica de Jesus Cristo.

Como afirma Paul Maier, «muitos factos no mundo antigo dependem de uma única testemunha, e duas tornam o acontecimento incontestável».²⁵ No caso de Jesus Cristo, sobreviveram mais de quarenta fontes diferentes, escritas por pelo menos trinta autores, que remontam a algumas décadas após a crucificação de Jesus Cristo.²⁶ Isto não inclui os nove autores dos livros do Novo Testamento: além dos quatro evangelistas, existem mais cinco autores que, na sua

²³ Outros autores influentes com postulados semelhantes foram dois teólogos protestantes alemães: David Strauss (1808–1874), autor de *Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet* [A Vida de Jesus, examinada criticamente], e Albert Kalthoff (1850–1906).

²⁴ O autor mais relevante a favor da teoria mítica, George Albert Wells, professor da Universidade de Londres, aceitou a historicidade de Jesus Cristo antes de morrer, em 2017. Por outro lado, Bart Ehrman, professor de Estudos Religiosos na Universidade da Carolina do Norte, é considerado o porta-voz do ateísmo entre os estudiosos neotestamentários: «Todos os que defendem que Jesus Cristo é um mito são ateus ou agnósticos, e os que conheço são ateus virulentos, inclusive mesmo militantes», escreveu ele no seu livro *Did Jesus Exist? The Historical Argument for Jesus of Nazareth*, Harper One, 2012, p. 336.

²⁵ Paul Maier, professor de História Antiga da Universidade de Western Michigan, citado por Gary Habermas a 9 de novembro de 2012 na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, <www.veritas.org>.

²⁶ Até Ehrman reconhece trinta fontes diferentes de pelo menos vinte e cinco autores, em *The Bart Ehrman Blog*, 28 de outubro de 2016, <<https://ehrmanblog.org/gospel-evidence-that-jesus-existed/>>.

maioria, não conheciam a obra dos anteriores quando escreveram os seus livros e, portanto, não puderam copiar os factos.

Se excluirmos as fontes cristãs (Novo Testamento, primeiros padres da Igreja, historiadores que se consideram cristãos),²⁷ ficamos com pelo menos uma dúzia de fontes antigas, independentes entre si e, em muitos casos, hostis ao cristianismo, que contêm referências importantes a Jesus Cristo e ao cristianismo e que corroboram a existência de Jesus Cristo e a sua crucificação, assim como outros acontecimentos relacionados com Jesus de Nazaré. Além disso, há outra dúzia de fontes igualmente independentes, antigas e não cristãs que fazem referências a Jesus Cristo e ao cristianismo, mas que considero secundárias.

²⁷ Duvidar de um historiador por ser cristão é um erro de princípio e, além disso, revela um sectarismo considerável, mas no capítulo seguinte incluo apenas autores não cristãos, a fim de não deixar o menor espaço para qualquer possível argumento contrário.

3

Doze fontes principais que confirmam a sua historicidade

Alguns escritores podem divertir-se com a fantasia de um «mito Cristo», mas não o fazem com base em provas históricas. A historicidade de Cristo é tão axiomática para um historiador sem preconceitos quanto a historicidade de Júlio César. Não são os historiadores que propagam as teorias do «mito Cristo».

F. F. BRUCE²⁸

1. Flávio Josefo

Foi um historiador romano-judeu que nasceu apenas quatro anos após a crucificação de Jesus Cristo, tendo morrido no ano 100. Era um nobre que passou de combater os romanos e ser escravo a tornar-se colaborador de Roma, alcançar a cidadania, aconselhar o imperador Vespasiano, ser amigo do seu filho, o imperador Tito (que destruiu o Templo e Jerusalém no ano 70), e adotar o nome da sua família (Flávia). As suas obras mais importantes são *A Guerra dos Judeus*, escrita por volta do ano 75, e *Antiguidades Judaicas*,

²⁸ Citado em Josh McDowell, *Evidencia que Exige un Veredicto*, Deerfield, Vida, 1993, p. 83. Frederick Fyvie Bruce nasceu na Escócia, foi professor de Crítica Bíblica e Exegese na Universidade de Manchester e de Grego na Universidade de Edimburgo, além de diretor do Departamento de História Bíblica da Universidade de Sheffield. Tendo falecido em 1990, foi um dos mais importantes estudiosos da Bíblia da segunda metade do século xx.

redigida cerca do ano 93. Nesta última, inclui duas referências a Jesus Cristo, nos livros 18 e 20. A primeira é conhecida como o «testemunho flaviano» — confirma a existência e crucificação de Jesus Cristo, e também que alguns dos seus contemporâneos o consideravam o Messias:

Naquele tempo existiu um homem sábio, chamado Jesus, se é lícito chamar-lhe homem, pois realizou grandes milagres e foi mestre dos homens que acolhem a verdade com prazer. Atraiu muitos judeus e muitos gentios. Era o Cristo. Denunciado pelos líderes dos judeus, Pilatos condenou-o à crucificação. Aqueles que antes o haviam amado não deixaram de o fazer, porque lhes apareceu ressuscitado ao terceiro dia; os profetas haviam anunciado este e mil outros factos maravilhosos a seu respeito. Desde então até hoje existe o grupo dos cristãos.²⁹

Este texto é conclusivo ao estabelecer não apenas a existência histórica de Jesus Cristo, mas também a sua classificação como messias, a sua crucificação e a crença de que ressuscitou. É tão contundente que alguns autores tentaram desacreditá-lo, alegando que todo o texto ou partes dele haviam sido escritos por cristãos e não por Josefo. Hoje sabe-se, sem sombra de dúvida, que o texto foi escrito por Flávio Josefo, no século I.³⁰ Os estudiosos dividem-se agora entre aqueles que consideram que a maior parte do texto foi escrita por Josefo (com exceção das frases «se é lícito chamar-lhe homem» e «mil

²⁹ Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 18. 3. 3. Sigo a tradução de Antonio Puente Mayor em *Jesús de Nazaret, En busca de la verdad*, Madrid, La Esfera de los Libros, 2023, p. 23.

³⁰ Confirmado por estudiosos manifestamente anticristãos, como Luciano Canfora, professor da Universidade de Bari, marxista e membro do Instituto Gramsci, no seu livro *La conversione*, dedicado ao testemunho flaviano. Ver o artigo em *Religión en Libertad* de 2 de março de 2024, <https://www.religionenlibertad.com/cultura/240302/filologo-marxista-autenticidad-testimonio-no-cristiano-jesus-flavio-josefo_76715.html>.

outros factos maravilhosos a seu respeito», que podem ter sido interpoladas posteriormente por cristãos) e aqueles que pensam que é o autor de todo o texto.

De qualquer forma, os cinco aspetos que Josefo corrobora sobre Jesus Cristo permanecem, e as provas a favor da autenticidade de todo o texto são sólidas:

a) Todas as cópias das *Antiguidades* nas versões latina e grega incluem esse mesmo texto, pelo que, para desacreditar esta fonte, seria necessário supor que todos esses códices estavam nas mãos dos cristãos, que todos eles decidiram alterar o texto original, que as adições teriam sido feitas em todas as cópias e que as interpolações teriam sido exatamente as mesmas. Além de improvável, é impossível, uma vez que as cópias da obra de Josefo apareceram em lugares muito diferentes do antigo Império Romano e em épocas distintas.

b) Muitos escritores dos primeiros séculos da nossa era que se referem às *Antiguidades* também citam exatamente o mesmo texto, pelo que não parece que nesses primeiros anos houvesse alguma dúvida sobre a sua autenticidade.³¹

c) E, finalmente, em 1971, o estudioso judeu Shlomo Pires encontrou um documento com uma versão árabe da obra de Flávio Josefo, dentro de uma obra do bispo Agápio,³² que é mais antiga do que qualquer outra cópia manuscrita existente até então das *Antiguidades* e inclui o testemunho flaviano com modificações muito ligeiras. Confirma, assim, a existência de Jesus Cristo, a sua crucificação, a pretensão de ser o Messias, a possível ressurreição e a fundação de uma nova religião.

³¹ Por exemplo, Nicéforo, Eusébio e Sozomeno nas suas respetivas *Histórias da Igreja*, também São Jerónimo, Casiodoro, Ambrósio e outros.

³² Santo Agápio de Cesareia, bispo de Hierápolis, martirizado em 306. A tradução árabe da obra de Flávio Josefo está incluída na sua *História Universal*.

Naquele tempo existiu um homem de nome Jesus. A sua conduta era boa e era considerado virtuoso. Muitos judeus e pessoas de outras nações tornaram-se seus discípulos. Os que se tornaram seus discípulos não o abandonaram. Contaram que ele lhes aparecera três dias após a sua crucificação e que estava vivo. Assim sendo, talvez fosse o Messias de quem os profetas haviam contado maravilhas.³³

A segunda referência de Flávio Josefo a Jesus de Nazaré encontra-se no livro 20 das *Antiguidades*, sobre um facto ocorrido em 62 ou 63:

Sendo Anás dessa índole, aproveitando-se da oportunidade, pois Festo havia falecido e Albino ainda vinha a caminho, reuniu o Sinédrio. Chamou à sua presença o parente de Jesus a que se chamava Cristo; o seu nome era Jacob, e com ele fez comparecer vários outros. Acusou-os de serem infratores da lei e condenou-os a serem apedrejados.³⁴

Os estudiosos aceitaram unanimemente a autenticidade desta passagem.³⁵ Neste parágrafo, o objetivo de Josefo é criticar Anás, e a presença de Tiago/Jacob, o parente de Jesus, é marginal.³⁶ Jacob ou Tiago foi bispo de Jerusalém (segundo Eusébio de Cesareia), sendo mencionado nos Atos dos Apóstolos (12, 17) e por São Paulo, na Carta aos Gálatas (1, 19; 2, 9).

³³ Tradução para espanhol de Antonio Puente Mayor, *op. cit.*, p. 24.

³⁴ Flávio Josefo, *op. cit.*, 20.9.1.

³⁵ Ver Lawrence Mykytiuk em «Did Jesus Exist? Searching for Evidence Beyond the Bible», republicado no *Bible History Daily* da Biblical Archaeology Society, abril de 2024.

³⁶ São Tiago é frequentemente apresentado como «irmão» de Jesus, mas prefiro traduzir como «parente» para evitar confusões. A melhor explicação que encontrei foi a de Frank J. Sheed, em *Conocer a Jesucristo*, Madrid, Palabra, 2010 (13.^a ed.), p. 111. Sheed foi um teólogo australiano, protestante metodista convertido ao catolicismo, tendo traduzido Santo Agostinho. Este livro foi um dos que tive maior prazer em ler em toda a minha vida.

2. Tácito

Públio Cornélio Tácito foi um historiador, senador, cônsul e governador do Império Romano (56–120). Não se sabe onde nasceu, mas o mais provável é que tenha sido originário da Gália ou da Hispânia. Influenciado por Cícero, possivelmente discípulo de Quintiliano e amigo de Plínio, *o Jovem*, as suas duas obras que sobreviveram são os *Anais* e as *Histórias*, conhecidas graças aos chamados «manuscritos mediceus» (por terem sido propriedade da família Médici), conservados na Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença. O mais antigo é do século XI, com origem na abadia de Montecassino.

Os *Anais* pretendem compilar a história desde a morte de Augusto até à de Nero, sendo que as *Histórias* eram a continuação, de Galba a Domiciano. São Jerónimo informa-nos de que as duas obras constituíam um *corpus* de trinta livros, dos quais apenas nos chegou metade. Os *Anais* são a obra final de Tácito e a que nos interessa para o nosso propósito. Redigida entre os anos de 114 e 117, abrange os reinados de Tibério, Cláudio, Calígula e Nero. Os historiadores modernos atribuem grande credibilidade aos factos narrados por Tácito, uma vez que a sua obra historiográfica foi produzida no culminar de uma notável carreira política e depois da morte de Domiciano, o que lhe permitiu expressar-se sem receios, e também porque, como senador romano, tinha acesso às atas senatoriais e participara nas suas deliberações.³⁷ Ora, Tácito, nos seus *Anais*, livro 15, capítulo 44, escreve, referindo-se ao incêndio de Roma originado por Nero:

Por isso, para eliminar tal rumor, Nero procurou culpados e puniu com as penas mais refinadas aqueles que o povo odiava pelas suas maldades e a quem chamava cristãos. Aquele que lhes dava esse nome, Cristo,

³⁷ É interessante que não haja quaisquer dúvidas sobre este texto de Tácito (e não acreditamos que deva haver), embora se baseie num manuscrito dez séculos posterior à obra original, e haja alguns que apresentam dúvidas sobre escritos bíblicos com uma multiplicidade de manuscritos existentes e muito mais próximos das fontes.

fora condenado à morte durante o império de Tibério pelo procurador Pôncio Pilatos. Essa funesta superstição, reprimida por algum tempo, voltou a espalhar-se não apenas pela Judeia, local de origem do mal, mas também pela cidade, para onde convergem pessoas de todos os lugares e onde prolifera todo tipo de atrocidades e vergonhas. Ora, em primeiro lugar, foram presos aqueles que confessaram; e, depois, denunciada por eles, foi condenada uma enorme multidão, acusada não tanto do incêndio, mas de ódio ao gênero humano. Além disso, ao morrer, eram-lhes acrescentadas humilhações como fazê-los perecer dilacerados por cães depois de terem sido cobertos com peles de feras ou pregados em cruzes, ou prepará-los para serem queimados e incendiados quando faltava a luz do dia para que servissem de iluminação noturna. Nero oferecera os seus jardins para a exibição desse espetáculo.³⁸

Este texto é considerado autêntico e histórico de forma unânime, por todos os historiadores.³⁹

3. Suetônio

Gaio Suetônio Tranquilo foi um historiador romano (69–122), provavelmente originário da Numídia, no Norte de África. Tal como Tácito, foi amigo de Plínio, *o Jovem*, e trabalhou para os imperadores Trajano e Adriano. A sua obra mais importante é *Vidas dos Césares*: escrita no

³⁸ Os *Anais* podem ser lidos na íntegra em latim e espanhol em <<https://cristoraul.org/spanish/sala-de-lectura/Historia-universal/historia-del-imperio-romano/pdf/Tacito-Anales-bilingue.pdf>>.

³⁹ Por exemplo, o historiador Ronald Mellor, professor da Universidade da Califórnia, considera os *Anais* como «o auge dos escritos históricos romanos». No entanto, durante o mal chamado Iluminismo, alguns autores tentaram diminuir o valor historiográfico desta obra sem apresentar qualquer razão que não fosse ideológica, principalmente porque confirmava a existência e a crucificação de Jesus Cristo. É o caso, por exemplo, do panfletista francês François-Marie Arouet, também conhecido como Voltaire. Esses autores e essas pretensões estão hoje em dia desacreditados.

ano de 121, é um conjunto de biografias de Júlio César a Domiciano e uma fonte primordial para a história do Império Romano.

Restam dezanove cópias, todas do século XIII ou anteriores. A mais antiga encontra-se na Biblioteca Nacional de França e data de fins do século VIII ou inícios do século IX.⁴⁰ Contém duas menções valiosas sobre o cristianismo: a primeira no capítulo XXV, dedicado ao imperador Cláudio: «Fez expulsar de Roma os judeus, que, incitados por um tal Cresto, provocavam turbulências»;⁴¹ a segunda surge na biografia de Nero, no capítulo XVI: «Os cristãos, uma classe de homens cheios de superstições novas e perigosas, foram entregues ao suplício.»

4. Plínio, o Jovem

Caio Plínio Cecílio Segundo foi um escritor e político romano (61–c. 112). Sobrinho e filho adotivo de Plínio, o Velho, foi tudo o que se podia ser na época do Império (menos imperador): sacerdote do culto ao imperador, juiz, tribuno militar, tribuno da plebe, pretor, prefeito do Tesouro, cônsul, membro do colégio dos áugures e governador (da Bitínia, na Ásia Menor). Amigo e conselheiro do imperador Trajano, com quem mantinha correspondência, parte da qual foi preservada. Numa dessas epístolas, datada entre 18 de setembro de 111 e 3 de janeiro de 112, pergunta ao imperador sobre o tratamento que deve dar aos cristãos que encarcerou:

É minha regra, senhor, referir-vos todos os assuntos sobre os quais não estou seguro. Pois quem é mais capaz de orientar a minha incerteza

⁴⁰ Não existe polémica sobre a historicidade da obra *Vidas dos Césares* (e não deveria haver), mas há (embora também não devesse haver) sobre os Evangelhos, dos quais se conservam muitos mais manuscritos e muito anteriores.

⁴¹ Isto também está registado nos Atos dos Apóstolos — o que aumenta a credibilidade desse livro — e ocorreu no ano de 49. Os romanos ignoraram durante muito tempo a diferença entre os cristãos e os judeus. Cresto, no original «Chrestos», é uma forma corrompida de «Cristo». A obra *Vidas dos Césares* pode ser lida em <https://web.seducoahuila.gob.mx/biblioweb/upload/Vidas_de_los_doce_cesares-Suetonio.pdf>.

ou de esclarecer a minha ignorância? Como nunca estive presente em qualquer julgamento de cristãos, desconheço o método e os limites que devem ser observados ao avaliá-los ou puni-los.

Também tive grandes dúvidas sobre se deve ser feita alguma diferenciação em razão da idade, ou alguma distinção permitida entre o mais jovem e o adulto; se retratar-se permite o perdão, ou se, tendo um homem já sido cristão uma vez, retratar-se não o ajuda; se a mera profissão de cristianismo, mesmo sem crimes, ou apenas os crimes associados a ele, são puníveis.

Entretanto, o método que observei com aqueles que me foram denunciados como cristãos é este: interroguei-os sobre se eram cristãos. Se o confessassem, repetia a pergunta uma segunda e uma terceira vez, acrescentando a ameaça da pena capital. Se ainda assim perseverassem, ordenava que fossem conduzidos à execução.

Fosse qual fosse a natureza das suas crenças, pelo menos não podia sentir qualquer dúvida de que a teimosia e a obstinação inflexível mereciam um castigo. [...]

Afirmaram, no entanto, que toda a sua culpa ou erro se resumia a terem o costume de se reunir num determinado dia fixo antes do amanhecer e cantar em versos alternados um hino a Cristo como a um deus, e comprometerem-se a si mesmos, por um juramento solene, não a más ações, mas a nunca cometer qualquer fraude, roubo ou adultério, a nunca falsificar a sua palavra ou a negar uma peça de roupa quando fossem chamados a entregá-la.

A seguir, tinham o costume de se separar e depois reunir-se para participar da refeição, mas uma refeição comum e inocente. Até essa prática, no entanto, eles abandonaram após a publicação do meu édito, pelo qual, de acordo com as suas ordens, eu havia proibido as associações políticas.

Portanto, considerei que era mais necessário extrair a verdade real, com a ajuda da tortura, de duas escravas, a quem chamavam diaconissas: mas não consegui descobrir nada além de uma superstição depravada e excessiva. [...]

Muitas pessoas de todas as idades e classes sociais e de ambos os sexos estão a ser [julgadas] e serão chamadas a julgamento. Porque essa

superstição contagiosa não se limita somente às cidades, mas também se espalhou pelas aldeias e distritos rurais.⁴²

5. Imperador Trajano

Nascido na Bética (53–117), é uma fonte sobre o cristianismo, uma vez que parte da sua correspondência com Plínio, *o Jovem*, foi preservada.⁴³ Numa carta datada do ano 111, diz ao governador da Bitúnia:

O método que seguiu, caro Secundus, para examinar os casos daqueles que denunciaram como cristãos é o adequado. Não é possível estabelecer uma regra geral que possa ser aplicada como norma fixa em todos os casos desta natureza. Não se deve realizar qualquer busca destas pessoas.

Quando são denunciadas e declaradas culpadas, devem ser punidas; com a restrição, no entanto, de que, quando um indivíduo nega ser cristão e dá provas disso, ou seja, adorando os nossos deuses, será perdoado com base no arrependimento, mesmo que anteriormente tenha incorrido em suspeitas.⁴⁴

⁴² Plínio, *o Jovem*, epístola 10.96. Tradução (para espanhol) em Primeroscristianos.com. Pode ser lido em <<https://www.primeroscristianos.com/plinio-el-joven-cristianos/>>. Para os cristãos, deve ser emocionante encontrar testemunhos que falam dos seus primeiros pais na fé e das vicissitudes que tiveram de suportar. Sendo a eles que devem a sua fé, os cristãos atuais têm a mesma responsabilidade para com os futuros.

⁴³ Houve três imperadores romanos nascidos na Hispânia, mais do que em qualquer outra província do Império. Trajano, nascido em Hispalis-Sevilha, foi o primeiro imperador não itálico e aquele que levou o Império Romano à sua máxima expansão; Adriano, sobrinho em segundo grau do anterior, sucedeu-lhe no trono e foi um dos chamados «cinco bons imperadores»; e Teodósio, *o Grande*, o último imperador de todo o Império Romano, que após a sua morte se dividiu em duas metades, a ocidental e a oriental.

⁴⁴ Plínio, *o Jovem*, epístola 10.97; tradução para espanhol em Primeroscristianos.com. Trajano chamava-lhe Secundus, pois o seu nome completo era Caius Plinius Caecilius Secundus (Caio Plínio Cecílio Segundo).

6. Mara bar Serapião

Mara, filho de Serapião, foi um filósofo pagão nascido em Samósata, na província romana da Síria, no primeiro século da nossa era. Apenas se conserva uma carta deste autor escrita ao seu filho, também chamado Serapião, datada do ano 73, a qual foi preservada num manuscrito do século VI ou VII, que se encontra na Biblioteca Nacional Britânica.⁴⁵ A carta não aborda temas cristãos, mas trata dos conselhos do pai — que está preso — ao seu filho, a quem recomenda que siga o caminho da sabedoria. Nesse contexto, menciona a injustiça com que trataram os «três homens sábios», em referência a Sócrates, Pitágoras e Jesus Cristo, a quem chama «o rei sábio dos judeus», e que Deus castiga aqueles que se comportaram dessa forma injusta:

Que mais podemos dizer quando os sábios são forçosamente arrasados por tiranos, a sua sabedoria é capturada por insultos e as suas mentes estão oprimidas e indefesas? Que vantagem obtiveram os atenienses quando mataram Sócrates? A escassez e a destruição caíram sobre eles como um julgamento pelo seu crime. Que vantagem obtiveram os homens de Samos quando queimaram vivo Pitágoras? Num instante, a sua terra foi coberta pela areia. Que vantagem obtiveram os judeus quando condenaram à morte o seu sábio rei? Depois desse facto, o seu reino foi abolido. Deus, de forma justa, vingou aqueles três homens sábios: os atenienses morreram de fome; os habitantes de Samos foram arrasados pelo mar; os judeus, destruídos e expulsos do seu país, vivem na dispersão total. Mas Sócrates não morreu definitivamente: continuou a viver no ensinamento de Platão. Pitágoras não morreu: continuou a viver na estátua de Juno. Nem o rei sábio morreu verdadeiramente: continuou a viver na «nova lei» que tinha dado.

⁴⁵ Manuscrito BL Add. 14658, obtido do mosteiro copta de Santa Maria Deipara, fundado no século VI e localizado em Wadi el Natrum, no deserto de Nítria (atual Egito).

A maioria dos autores não tem dúvidas de que a referência ao «rei sábio dos judeus» diz respeito a Jesus Cristo e está relacionada com a inscrição INRI com que o crucificaram.⁴⁶ Mara estabelece um paralelismo entre a destruição de Jerusalém apresentada como castigo pela morte de Jesus e as destruições de Atenas e Samos, devidas, por sua vez, às mortes injustas de Sócrates e Pitágoras.

7. Celso

Foi um filósofo grego politeísta do final do século II, do qual hoje nada saberíamos não fosse pelo facto de — ironia da história — ter sido um crítico feroz do cristianismo. A única obra sua que chegou até nós é o *Discurso Verdadeiro*, muito controversa e escrita para atenuar as conversões ao cristianismo. Hoje só a conhecemos porque está parcialmente incluída na obra *Contra Celso*, de Orígenes de Alexandria, escrita para refutá-la.⁴⁷

Celso critica os cristãos por serem ignorantes e antipatriotas, considerando repugnante o seu costume de aceitarem pecadores entre si. Acusou Jesus de ser um mago e um impostor, de realizar os milagres usando magia negra e de plagiar os ensinamentos de Platão. Advertiu que o cristianismo afastava as pessoas da religião politeísta tradicional e dos valores conservadores e tradicionais. E afirmou que a ideia de um deus tornar-se homem era intolerável; que o fizesse num lugar tão remoto, inconcebível; que escolhesse pescadores e camponeses como discípulos, absurdo; e que morresse crucificado, um escândalo.

⁴⁶ Entre esses autores, destacam-se Robert van Voorst, teólogo e professor de Oxford, e Bruce Chilton, professor em Yale, Cambridge, Sheffield e Münster. INRI, *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno, rei dos judeus), é o *titulus crucis*, o painel que encabeçava a cruz na qual Jesus foi crucificado. Esta relíquia foi redescoberta pelo cardeal espanhol Pedro González de Mendoza em 1492, quando restaurava a igreja da Santa Cruz de Jerusalém, em Roma.

⁴⁷ Nela, este pai da Igreja demonstra que a fé cristã tem uma base racional e que a filosofia grega e o cristianismo são compatíveis. Escrita no ano de 248, *Contra Celso* tornou-se uma das obras apologeticas mais importantes da Antiguidade.

Atacou o culto cristão por carecer de cerimónias impressionantes e pela sua falta de pompa exterior.⁴⁸

Apenas um manuscrito completo do *Contra Celso*, datado do século XIII, foi preservado, a partir do qual foram feitas várias cópias.⁴⁹

8. Luciano de Samósata

Foi um escritor satírico e panfletista grego (115–180) do qual se conservam cerca de oitenta obras. Na sua carta satírica «A morte de Peregrino», sobre a vida do pseudofilósofo Peregrino Proteus, Luciano menciona o cristianismo, que apresenta como um culto crédulo e incauto, embora também faça referência à sua elevada moralidade.

Como saberás, os cristãos adoram um homem até hoje, a figura ilustre que introduziu os seus novos ritos e que morreu crucificado por essa razão. [...] Como poderás ver, estas criaturas equivocadas partem da convicção geral de que são imortais para sempre, o que explica o desprezo pela morte e a abnegação voluntária que são tão comuns entre eles. O seu primeiro legislador também os convenceu de que todos eram irmãos, a partir do momento em que se convertessem, e agora negam os deuses da Grécia e adoram o sábio crucificado, e vivem de acordo com as suas leis. Tudo isto é aceite com confiança, com o resultado de que desprezam todos os bens mundanos.⁵⁰

⁴⁸ Se o cristianismo fosse verdadeiro (hipótese), então também seria verdadeira a existência do maligno que pretende a perdição do homem (dogma do cristianismo). Nesse caso, deveríamos esperar manifestações de ódio. E assim aconteceu: a cristofobia acompanhou esta religião desde a sua origem. Desde o século II, o cristianismo é criticado por ser conservador ou liberal; por excesso de liturgia ou falta de solenidade; por acolher pecadores ou por apontar o pecado... Isso fez do cristianismo a religião mais atacada da história e, dos cristãos, os mais perseguidos até aos dias de hoje.

⁴⁹ Pergaminho chamado Vaticano Graecus 386, com correções adicionadas nos séculos XIV e XV. Outras citações de *Contra Celso* podem ser encontradas na *Filocalia*, uma coleção de textos espirituais escritos entre os séculos IV e XV.

⁵⁰ Em W. Fowler e F. G. Fowler, *The Works of Lucian of Samosata*, Oxford, The Clarendon Press, 1905, vol. IV, pp. 82–83. As obras de Luciano podem ser lidas

9. Flegão de Trales

Foi um historiador grego do século II, nascido na Lídia, uma região situada na atual Turquia, que trabalhou para o imperador Adriano. A sua obra principal é *Olimpiadas*, uma história dos Jogos Olímpicos desde a sua origem até ao ano 137. No seu livro 13, refere:

No quarto ano da 202.^a Olimpíada [por volta de 33–37], houve um grande eclipse solar, maior do que qualquer outro que se havia conhecido até então, e na sexta hora do dia ficou noite, e as estrelas puderam ser vistas no céu. Um terramoto ocorreu na Bitínia e destruiu grande parte da cidade de Niceia.⁵¹

Orígenes, fazendo eco da obra de Flegão, escreve «Flegão, no décimo terceiro ou décimo quarto livro das suas crónicas, não só atribui a Jesus a capacidade de prever eventos futuros [...], como também testemunhou que os resultados correspondiam às Suas predições», e ainda corrobora a referência ao eclipse e ao terramoto: «E no que respeita ao eclipse que ocorreu nos tempos de Tibério César, durante cujo reinado Jesus foi crucificado, e aos grandes terremotos que ocorreram, Flegão também — penso eu — o escreveu no décimo terceiro ou décimo quarto livro das suas crónicas.»⁵²

Sexto Júlio Africano, outro historiador dos séculos II e III nascido em Jerusalém, escreve a *Chronographiai*, que pretende ser toda a história do povo grego e judeu. E também regista as palavras de Flegão: «Flegão anota que, nos tempos de Tibério César, durante o período de lua cheia, houve um eclipse solar desde a sexta hora até à nona».⁵³

em inglês em <<https://sacred-texts.com/cla/luc/fowl/index.htm>>.

⁵¹ Citado no segundo livro das *Crónicas* de Santo Eusébio de Cesareia, do século III, e referido por São Jerónimo. Pode ser lido em inglês em <https://www.tertullian.org/fathers/jerome_chronicle_03_part2.htm>, pp. 256-258.

⁵² Citado por Gary Habermas, *The Historical Jesus*, College Press, 1996, cap. 9. E Orígenes, *Contra Celso*, livro 2, cap. 14, e livro 2, cap. 33.

⁵³ Júlio Africano, *Chronographiai*, 18, 1.

10. O Talmude da Babilónia

Este é, a seguir à Bíblia hebraica (Antigo Testamento para os cristãos), o texto fundamental do judaísmo rabínico e a primeira fonte da lei religiosa judaica.⁵⁴ A origem do Talmude é a tradição oral que o povo judeu passou de geração em geração. Ao conjunto dessas tradições chama-se a Mishná, foi escrita em hebraico e ordenada por assunto pelo rabino Akiba (falecido no ano de 135), tarefa continuada pelo rabino Meir e concluída pelo rabino Judá (ano 200). O Talmude da Babilónia inclui os comentários antigos à Mishná, chamados Guemará, escritos em aramaico e compilados pelos rabinos Ashi e Ravina II HaKohen, por volta do ano 500.

Existem inúmeras passagens no Talmude que fazem referência a Jesus, todas elas escritas com uma intenção pejorativa. «O desprezo é tão grande que chega a ser mencionado como *peloni* (uma certa pessoa) ou, noutras passagens, nenhum nome é mencionado em episódios claramente referentes a Ele.»⁵⁵ É irónico que esses autores que pretendiam ignorar e desprezar Jesus se tenham tornado, porém, noutra fonte segura sobre Jesus e sobre o que lhe era atribuído (aqueles de nós que acreditam na Providência também leem nessas reviravoltas engenhosas a perspicácia de quem está por detrás delas).

Peter Schäfer, provavelmente o mais renomado estudioso do judaísmo antigo e da primeira Igreja, apresentou em 2007 um estudo comparativo de cerca de catorze manuscritos do Talmude e concluiu que não há dúvida de que essas passagens se referem a Jesus de Nazaré.⁵⁶ Algumas foram incorporadas no Talmude antes do ano

⁵⁴ *Talmude* refere-se geralmente ao Talmude da Babilónia — o mais completo e influente —, embora exista outra versão, o Talmude de Jerusalém, redigido em Israel por volta do século iv e incompleto.

⁵⁵ Octavio da Cunha Botelho, «Jesus no Talmude», março de 2018, <https://www.researchgate.net/publication/323546852_Jesus_en_el_Talmud>. Da Cunha é professor de Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia, no Brasil.

⁵⁶ Peter Schäfer, *Jesús en el Talmud*, Princeton University Press, 2007. Schäfer é um académico alemão nascido em 1943, cristão católico; foi professor de Estudos

200 e outras nos séculos III e IV.⁵⁷ Também fica claro que os autores do Talmude da Babilónia estavam familiarizados com os Evangelhos.

Assim, o Talmude da Babilónia é outra fonte extracristã que confirma que Jesus Cristo existiu: é designado por Yeshu, Yeshu ha-Notzri (Jesus, o Nazareno), Yeshu ben Stada (filho de Stada) ou Ben Panthera (filho de Panthera), afirmando-se que era filho de Maria.⁵⁸ Também confirma que os cristãos consideravam, desde os primeiros anos desta religião, que Maria fora especialmente escolhida por Deus e que Jesus nascera de uma virgem, e contra isso escreveram os autores do Talmude: «A acusação de nascimento ilegítimo de Jesus [...] foi uma reação à crença cristã da concepção e nascimento virginal de Jesus.»⁵⁹ Esta pretensão é confirmada porque o Talmude fala de Jesus como filho de José Panthera (supostamente um soldado romano), e esse apelido (Panthera) «surtiu pela semelhança sonora com o termo grego Παρθένος, ou seja, “virgem”».⁶⁰

O Talmude também afirma que Jesus Cristo fez milagres, embora estes tenham sido classificados como magia: «Jesus Nazareno praticava magia, enganava e conduzia o povo de Israel ao erro.»⁶¹ E que se

Judaicos em Princeton e na Universidade Livre de Berlim, além de diretor do Museu Judaico de Berlim, membro da Academia Americana de Artes e Ciências e da Academia Americana de Filosofia.

⁵⁷ Com ligeiras variações, defendem-no Peter Schäfer e a maioria dos estudiosos, como John P. Meier, professor norte-americano e padre católico falecido em 2022, Joseph Klausner, historiador judeu e político israelita falecido em 1958, Robert van Voorst, teólogo cristão protestante norte-americano nascido em 1952, e Gary Habermas, que assinala, na sua obra já citada, várias referências a Jesus no Talmude dos séculos I e II.

⁵⁸ «A sua mãe era Miriam, que trançava cabelos de mulheres», Sinédrio 67a.

⁵⁹ Dan Jaffe, «The Virgin Birth of Jesus in the Talmudic Context», em *Laval Théologique et Philosophique*, 2012, vol. 68, n.º 3, pp. 577–592, <<https://doi.org/10.7202/1015256ar>>. Jaffe é professor de Estudos Judaicos na Universidade Bar Ilán, em Israel.

⁶⁰ L. Patterson, em «Origen del nombre Panthera», citado por Dan Jaffe, *ibidem*.

⁶¹ Em Sinédrio 43 a–b, um dos primeiros tratados do Talmude (séculos I a II). Os textos do Talmude podem ser lidos em hebraico, inglês e (ocasionalmente) espanhol em <<https://www.sefaria.org/texts>>.

realizavam milagres em seu nome: «Jacob [...] veio curá-lo. Ele disse: “Falamos em nome de Jesus ben Panthera.”»⁶² Para os escritores do Talmude, o cristianismo era uma heresia atraente: «Dizemos a qualquer um que não frequente os hereges (minim), que não ouça as suas palavras [...]. Se ele responder: Estou certo de que não escutarei as suas palavras e não pecarei com os seus atos, respondemos: Mesmo que estejas certo, não vás lá, “mantém distância da mulher estranha, porque são muitas as vítimas que ela fez cair.”»⁶³ Contam-nos que Jesus tinha alguma ligação com a realeza: «Mas Jesus era diferente, pois era próximo do governo»,⁶⁴ e que foi julgado pelas autoridades judaicas e condenado à morte (segundo o Talmude, de forma legítima) aos trinta e dois ou trinta e três anos de idade.⁶⁵ «Na véspera da Páscoa, Jesus foi enforcado. Durante quarenta dias antes da execução, um arauto proclamou: “Jesus vai ser apedrejado porque praticou feitiçaria e porque seduziu Israel à apostasia. Qualquer um que possa dizer algo a seu favor, que se apresente e o defenda.” Porém, como ninguém se apresentou em seu favor, foi enforcado na véspera da Páscoa.»

O Talmude também faz eco de que os cristãos alegaram que Jesus foi acusado por falsas testemunhas e que não teve tempo para se defender, pelo que apresenta as suas justificações: «Consequentemente, o tribunal deu-lhe todas as oportunidades para se defender, para que não se dissesse que foi falsamente condenado.» Esta fonte acrescenta que os discípulos de Jesus também foram executados pelas autoridades judaicas (embora o Talmude mencione apenas cinco apóstolos e não doze): «Trouxeram Mattai e disseram: “Mattai deve ser executado.”

⁶² Avodah Zarah 2, 2–12. Este é um tratado do Talmude relativo às regulamentações para a interação entre judeus e gentios-idólatras.

⁶³ Avot do rabino Nathan 3b. Este é o primeiro e mais longo dos tratados menores do Talmude.

⁶⁴ Sinédrio 43a e Gary Habermas, *op. cit.*

⁶⁵ Habermas, *op. cit.*

[...] Responderam: “Sim, Mattai deve ser executado, pois está escrito: Quando Mattai morrer, o seu nome perecerá.”»⁶⁶

11. *Toledot Yeshu*

O *Sefer Toledot Yeshu* [Livro da História de Jesus] é um livro anticristão e intencionalmente ofensivo contra esta religião, que apresenta uma suposta biografia de Jesus Cristo. Tem a sua origem na tradição oral judaica, e a sua datação é duvidosa, com alguns a fazerem-no remontar aos primeiros séculos do cristianismo e outros a mais tarde, inclusivamente a uma data tão tardia como o século ix.⁶⁷ A primeira menção conhecida é de 826.⁶⁸ Existem várias versões do *Toledot Yeshu* que se difundiram amplamente pela Europa durante a Idade Média; atualmente, conservam-se mais de cem manuscritos, todos medievais. Nele, Jesus Cristo e Maria, sua mãe, são insultados; também se afirma que Jesus era filho ilegítimo de um legionário romano, impostor e herege judeu que seduzia mulheres.

Embora a sua intenção seja denegrir Jesus Cristo, o *Toledot Yeshu* corrobora que Jesus fez milagres, tendo mesmo ressuscitado um morto e ascendido aos céus, não pela sua natureza divina, mas sim graças a poderes mágicos sacrílegos. Também confirma que Jesus foi morto pelos judeus de forma vergonhosa, e dá uma versão interessante do que aconteceu ao seu corpo: os discípulos de Jesus pretendiam roubá-lo, mas um jardineiro chamado Judá antecipou-se. Os cristãos proclamaram a ressurreição de Jesus, mas Judá vendeu o corpo aos sacerdotes

⁶⁶ As três citações, em Sinédrio 43a.

⁶⁷ Alguns autores consideram que Orígenes conhecia o *Toledot Yeshu* quando escreveu *Contra Celso*, no século iii. Gary Habermas data-o no século v, *op. cit.*, cap. 9.

⁶⁸ Atribuída a São Agobardo, padre espanhol que foi arcebispo de Lião no ano de 814, autor de vários tratados de teologia e muito ativo na política do Império Carolíngio.

judeus por trinta moedas de prata, e estes arrastaram-no pelas ruas de Jerusalém.

A descrição injuriosa de Jesus Cristo provocou uma reação antisemita por parte de alguns cristãos, apesar de o *Toledot Yeshu* nunca ter sido considerado nem normativo nem canônico na literatura rabínica. Foi traduzido para o alemão por Martinho Lutero e citado profusamente no seu tratado antisemita de 1543, *Vom Schem Hamphoras*.⁶⁹ Posteriormente, o *Toledot Yeshu* foi usado contra os judeus por convertidos ao cristianismo, como Samuel Friedrich Brenz, e contra o cristianismo por autores anticristãos do chamado Iluminismo, como Voltaire e Judah Briel.⁷⁰

O *Toledot Yeshu* confirma a existência de Jesus Cristo — nunca a põe em causa — e detalhes interessantes sobre a sua vida e morte. Também confirma que os judeus alegaram que o corpo morto de Jesus Cristo fora roubado (tal como afirmam os Evangelhos e os primeiros pais cristãos).⁷¹

⁶⁹ Apresenta os judeus como «povo do diabo». Foi utilizado pelo partido nazi para incitar o antissemitismo nas décadas de 1930 e 1940. O título vem de *Shem Ha Mephorash* (Do nome inefável), um termo rabínico para o Tetragrama ou nome de Deus.

⁷⁰ Brenz, de origem judaica, converteu-se ao cristianismo em 1610 e escreveu *Jüdischer Abgestreifter Schlangenbalg* [A pele nua da serpente], onde denunciava a literatura judaica anticristã e atacava os judeus por odiarem Jesus Cristo. Judah ben Eliezer Briel foi rabino-chefe de Mântua, tendo falecido em 1722, e autor de numerosas obras anticristãs, como «Animadversiones in Evangelia» [Animosidade contra os Evangelhos].

⁷¹ Mateus 28, 12–15: «Eles reuniram-se com os anciãos; e, depois de terem deliberado, deram muito dinheiro aos soldados, recomendando-lhes: “Dizei isto: De noite, enquanto dormíamos, os seus discípulos vieram e roubaram-no.” [...] Recebendo o dinheiro, eles fizeram como lhes tinham ensinado.» E esta história tem-se difundido entre os judeus até hoje. São Justino Mártir, no século II, menciona que os líderes judeus tinham enviado homens para divulgar esta falsidade, algo também confirmado por Tertuliano por volta do ano 200.

12. O Alcorão

O livro sagrado dos muçulmanos reúne os ensinamentos de Maomé, o fundador da religião islâmica.⁷² É interessante que quase ninguém pareça duvidar da existência histórica de Maomé e sim da de Jesus, quando há somente «um pequeno número de fontes não muçulmanas contemporâneas ou quase contemporâneas que atestam a existência de Maomé», havendo apenas manuscritos antigos do Alcorão e apresentando as cópias que chegaram até nós um grande número de variantes e discrepâncias.⁷³

Tudo isto é lógico quando se trata de um livro do século VII, mas contrasta com o enorme número de fontes antigas e fiáveis sobre Jesus Cristo, com a quantidade desmedida de manuscritos que se conservam dos Evangelhos e daquelas fontes em várias línguas, e com a imensa concordância entre todos. Isto é algo que se afigura extraordinário — e talvez mesmo milagroso —, e, portanto, surpreende a insistência de alguns em questionar os factos. Mas assim são as coisas... ninguém garantiu que a verdade seria incontestavelmente desvelada, nem que ser cristão seria fácil (muito pelo contrário).

⁷² Recomendo a magnífica série da EWTN España *Desvelando el islam*, realizada por Raad Salam Naman, possivelmente o estudioso com mais conhecimento sobre essa religião no Ocidente.

⁷³ César Vidal dá credibilidade aos autores que questionam a existência histórica de Maomé, em *Mahoma, el guía*, Barcelona, Debolsillo, 2013, p. 17. Entre as fontes que atestam a sua existência, a primeira é do século VII, escrita pelo bispo arménio Sebeu, que descreve Maomé como «um comerciante» que ensinou aos pagãos «a lei de Abraão» porque «estudara e informara-se acerca da história de Moisés», e menciona-o em relação às conquistas muçulmanas ao Império Bizantino. O primeiro manuscrito de uma parte do Alcorão, de um único volume, foi descoberto em 2015 na biblioteca da Universidade de Birmingham e data do século VII. Há apenas outro, do século VIII, encontrado na mesquita de Sana'a (no Iémen) em 1972. As outras cópias e respetivas variações foram estudadas pelo historiador britânico Michael Cook em *The Koran, a Very Short Introduction*, Oxford, OUP, 2000, pp. 122 e seguintes. Os manuscritos de Sana'a também demonstram que, em diferentes versões do Alcorão, a ordem das suras muda, e algumas fações do islamismo consideram que há suras falsas e que outras foram expurgadas.

Quero salientar que o Alcorão é uma fonte posterior às anteriores, uma vez que os ensinamentos de Maomé foram compilados pelo terceiro califa, Otomão, nos anos de 650 a 659, embora a cano-nização completa do livro tenha sido realizada sob Abd al-Malik, o quinto califa, no início do século VIII. De qualquer forma, é outra fonte antiga e não cristã que corrobora a existência de Jesus Cristo: «Fizemos que [aos profetas] sucedesse Jesus, filho de Maria, em con-firmação do que já estava na Torá e como orientação e exortação para os tementes a Deus.»⁷⁴ Além disso — segundo o Alcorão —, Jesus Cristo é o profeta «mais santo de todos», sendo mencionado em mais de 80 áias distribuídas por 12 suras.⁷⁵ Menciona doutrinas nas quais compete com os cristãos, por exemplo, a anunciação à Virgem Maria pelo arcanjo São Gabriel e o nascimento virginal de Jesus, obra da onipotência de Deus, e alguns factos relatados nos Evangelhos, como o nascimento em Belém.⁷⁶ Também atribui a Jesus Cristo a realização de seis milagres, incluindo a ressurreição dos mortos, mas nega a crucificação e a ressurreição de Jesus: «E por terem dito: “Matámos o Ungido, Jesus, filho de Maria, o enviado de Deus”, sendo que não o mataram, nem o crucificaram, apenas fizeram que assim parecesse. Aqueles que discordam acerca desta “crucificação” não têm conhecimento e apenas fazem conjecturas. Mas, certamente, não o mataram.»⁷⁷ Embora Jesus — afirmam — tenha ascendido aos céus, mas sem ter morrido previamente e, claro, sem ter ressuscitado.⁷⁸

⁷⁴ Alcorão 5, 46.

⁷⁵ José María Casciaro, «Jesús en el Corán», *Scripta Theologica*, 1998, vol. 30(1), pp. 13–38, <<http://dx.doi.org/10.15581/006.30.10694>>. As suras são os capítulos do Alcorão — são 114 —, e as áias são os versículos em que as suras se dividem.

⁷⁶ O que se refere ao nascimento de Jesus no Alcorão 19, 16–34 e 3, 45–53. Os episódios da fuga para o Egito e a visita dos Magos do Oriente são compilados pelo erudito muçulmano Al-Tabari no século X.

⁷⁷ Alcorão 4, 157.

⁷⁸ No Alcorão e na sua interpretação habitual diz-se que os judeus tentaram matar Jesus, mas não conseguiram. E J. M. Casciaro, *op. cit.*: «Na seita islâmica ahmadi

Finalmente, existe uma tradição islâmica (que às vezes é erradamente atribuída ao Alcorão) segundo a qual Deus transformou outra pessoa (Simão de Cirene) para que se parecesse com Jesus, tendo sido essa pessoa que foi crucificada em seu lugar.⁷⁹

[...] acredita-se que Jesus foi crucificado, mas que sobreviveu até aos 120 anos, data em que morreu e foi sepultado em Srinagar (Caxemira).»

⁷⁹ A insistência em não reconhecer a crucificação de Jesus levou alguns estudiosos a considerarem que o islamismo está ligado ao docetismo, uma heresia cristã que defende que Jesus apenas «pareceu» encarnar, embora na realidade não o tenha feito. Outros autores consideram, com bons fundamentos, que o islamismo tem origem no nestorianismo, outra heresia cristã iniciada pelo patriarca de Constantinopla, Nestório, no século V, e que acaba por negar a divindade de Jesus, combatida com sucesso por São Cirilo de Alexandria.

**AQUI SE DESMONTAM OS MITOS E AS DÚVIDAS EM
TORNO DE CRISTO, MOSTRANDO QUE A RAZÃO
E A FÉ CONVERGEM PARA A MESMA CONCLUSÃO:
JESUS DE NAZARÉ FOI MAIS DO QUE UM HOMEM,
E HÁ PROVAS QUE O CONFIRMAM.**

Só existem duas possibilidades: Jesus é Deus ou não é. O objetivo deste livro é ajudá-lo a chegar à sua própria conclusão.

Coloquemos todas as perguntas em cima da mesa: Jesus mentia quando afirmava ser o Filho de Deus? Seria um louco? Ou terá sido transformado por outros num mito, fazendo dele algo que nunca foi?

O autor convida o leitor a redescobrir a figura de Jesus a partir de uma perspetiva atual, mas profundamente enraizada nos textos bíblicos e na tradição cristã. Através de um diálogo entre a fé e a razão, apresenta uma defesa clara e documentada da divindade de Cristo apoiada na História, na Teologia e nas provas textuais.

Longe de ser uma obra apenas religiosa ou teológica, esta é uma investigação de divulgação científica e histórica: à luz de ambas, a evidência de que Jesus é Deus é tão avassaladora que a incredulidade se torna quase impossível. Ao rever as últimas descobertas científicas, históricas e arqueológicas de que dispomos, deparamo-nos com a única verdade possível:

JESUS CRISTO É QUEM DISSE SER.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-5963-10-2



9 789895 963102